

Vivemos

em comunidade. Cada homem é uma solidão, mas está condicionado, influenciado, plasmado pelos que o cercam, pelos que vivem a mesma aventura de cada dia e tentam a difícil aproximação de pessoa com pessoa. Essa comunicação exige um respeito pela pessoa humana, por tudo o que constitui a grandeza do homem dotado de um pensamento e de uma vontade. Nada mais emocionante do que a luta pela felicidade de um ser qualquer, vivendo numa época e num lugar, lidando, a cada momento, com gente estranha e, ao mesmo tempo, próxima, recolhendo experiências e acumulando vida.

A sociedade precisa de uma política. Quando muitas vontades se tocam, na difícil aproximação de cada dia, é necessário um princípio orientador, algo que norteie as atividades de todos. O plano da família, com os problemas de convivência, as relações com os vizinhos, com os desconhecidos, os valores do trabalho, o senso de hierarquia, tudo isso são contingências da vida em comum, pequenos trechos de uma consciência da posição do homem no mundo.

Antônio Olinto

UMA QUESTÃO DE AUTORIA

A quem escreve literatura é dado o poder de criar. Então, eu criei Leonam. É comum, no entanto, as criaturas se rebelarem contra o seu criador. Daí Leonam entender que não é o escritor quem cria personagens. Para ele, as criaturas ficcionadas existem por si mesmas, numa dimensão que ele designa de *terceiro mundo*. Caberia ao escritor apenas oferecer condições para revestir os personagens com roupagens especiais que lhes dão vida, vigor e vitalidade, a ponto de se tornarem *pessoas* concretas. Além disso, não conformado com sua configuração de personagem-narrador, ele se arvorou a escritor também. Que seja assim, então. Que seja como ele quer: este livro é dele. E eu fico com o papel daquele que providenciou condições para ele atuar.

Fico à espera de ele se dar conta de uma coisa: os quinze outros personagens que vieram junto com ele não são produtos da sua imaginação, da sua intuição, da sua criatividade. Se a tese que ele sustenta de que as criaturas de ficção existem por si só estiver correta, cabendo ao escritor apenas a oferta de condições para sua concretização, ele não fez isso com nenhuma das criaturas que habitam o livro que ele garante ser dele.

Não custa, porém, aventar a possibilidade de que, mesmo não produzindo condições para os outros personagens existirem, Leonam os tenha trazido consigo, sem necessitar da ajuda de ninguém. Ele, que se tem em conta de pessoa simples, muitas vezes confunde simplicidade com arrogância, assumindo-se como se fosse o próprio Sagitário, quando afirma: “sou sagitariano e Sagitário tem a generosidade do sábio. Isso me serve de alento. Ele é em mim, por projeção. Eu sou nele, por atavismo”.

Justamente por causa de sua arrogância, Leonam padece para escrever seu livro. Escrever, então, torna-se para ele verdadeira via-sacra. Ao focalizar o tema de *A viagem de Orixalá*, na verdade, é ele quem viaja em busca de si mesmo, enquanto luta para superar seu estilo de escrever e de viver, que deixa a maioria de seus possíveis leitores, em algumas passagens, um tanto entediados, ou à deriva.

Seu livro, no entanto, é uma demonstração de que ele supera seus próprios obstáculos e limites. Isso, porém, só acontece quando ele consegue abrir-se ao encontro com o outro, através da escuta do que as pessoas têm a lhe dizer. Na luta por tal superação, ele gasta as duas primeiras partes do livro. Isso retarda a participação dos demais integrantes de seu grupo na escritura da terceira parte. E é essa terceira parte que se constitui o cerne da obra por ele organizada. Do resto, a própria narrativa de Leonam dará conta, embora interrompida em várias passagens por fragmentações. Tais fraturas, no entanto, poderão levar o leitor muito mais longe.

Ruy Póvoas

AGRADECIMENTO

A Dinalva Melo do Nascimento, Genebaldo Pinto Ribeiro, José Luiz de França, Margarida Cordeiro Fabel, Maria de Lourdes Netto Simões (Tica) e Marialda Silveira, pelas críticas e sugestões.

A Maria Luiza Nora (Baiza), pelas horas infindáveis de discussão dos assuntos e temáticas, e pela exaustiva revisão dos originais.

A Nílton Carlos Borges Lavigne e a Helena dos Anjos que se sentaram para me ouvir e dialogaram comigo.

A Maria de Lourdes Anunciação de Jesus (Ibajimu), pela ajuda com o manuscrito.

A Marcos Salviano Bispo Queiroz (Jumiodê), que acompanhou com paciência a gestação dos originais.

A Edivaldo Souza Fadori e a Mukaylasinbi, que enfrentaram o cotidiano, para que ele não atrapalhasse a fantasia e o sonho,

A Paulo Galdino e a Sérgio Gantois, pela escuta sensível.

A Raimunda Silva d'Alencar, pelas apreciações.

A Equipe Kàwé, que acolheu a proposta.

A José Montival de Alencar Júnior, pelas providências para editoração.

A Álvaro Coelho Barbosa de Alencar pelo primoroso projeto gráfico.

A Editus, na pessoa de sua diretora, Professora Rita Virgínia, pelo interesse demonstrado desde que expus a ela a ideia de um novo livro.

Ruy Póvoas

SUMÁRIO

- 23 FICÇÃO E ORALIDADE: viagem, estrada, caminhos
- 33 **PARTE I: A VIAGEM**
- 39 A festa dos setenta
- 45 A visão do Sagitário
- 53 A luz de Orunmilá
- 77 **PARTE II: A ESTRADA**
- 95 O encontro no terreiro
- 119 O pacto entre amigos
- 127 O holograma encalacrado
- 137 **PARTE III: A CAMINHADA**
- 139 PRIMEIRO CAMINHO: *Òkànràn* (Ocanran)
O rito e o terreiro na Pós-modernidade
Arnaldo Santiago (Professor de Filosofia)
- 151 SEGUNDO CAMINHO: *Òyèkú* (Oiecu)
O ritual, o terreiro e a sustentação das energias
Celeste Madureira (Antropóloga)
- 161 TERCEIRO CAMINHO: *Ògúndá* (Ogundá)
O terreiro: um outro padrão de fazer e viver
Creusa Navarro (Assistente social)
- 169 QUARTO CAMINHO: *Ìròsùn* (Irossun)
O Pilão de Orixalá: um outro sentido para *festa*
Jean Claude Narbonne (Piloto de avião)

- 175 QUINTO CAMINHO: *Òṣé* (Oxê)
A resposta do terreiro a questionamentos na Pós-modernidade
Nivaldo Madureira (Funcionário público)
- 187 SEXTO CAMINHO: *Òbàrà* (Obará)
A construção do sujeito no candomblé
Dina Navarro (Psicanalista)
- 199 SÉTIMO CAMINHO: *Òdí* (Odi)
A viagem de Orixalá: o enfrentamento de si mesmo
Dara Mujina (Ialorixá)
- 207 OITAVO CAMINHO: *Èjìogbè* (Ejioabê)
O caminho para o autoconhecimento
Neusa Silveira (Terapeuta)
- 219 NONO CAMINHO: *Òsá* (Ossá)
A herança africana: do engenho ao terreiro
Heitor Guarany (Jornalista)
- 229 DÉCIMO CAMINHO: *Òfun* (Ofun)
O divino no meio dos mortais
Padre Germano Batista (Sacerdote católico)
- 239 DÉCIMO PRIMEIRO CAMINHO: *Òwònrín* (Ouorin)
O viver ecológico no terreiro
Maura Oliveira (Ambientalista)
- 241 DÉCIMO SEGUNDO CAMINHO: *Ìwòrí* (Iuori)
A ritualização da resistência
Geralda Santiago (Socióloga)

261	DÉCIMO TERCEIRO CAMINHO: <i>Òtúrúpòn</i> (Oturupon) O tratamento e a cura no terreiro Entrevista com Renato da Costa (Auxiliar de enfermagem)
277	DÉCIMO QUARTO CAMINHO: <i>Ìká</i> (Icá) A literatura oral preservada no terreiro Leonam Navarro (Advogado, escritor e organizador)
291	DÉCIMO QUINTO CAMINHO: <i>Òtúrà</i> (Oturá) A organização do terreiro: além do capitalismo selvagem Ariadne Mota (Militante política)
307	DÉCIMO SEXTO CAMINHO: <i>Ìrètè</i> (Ireté) A corte de Orixalá e o luxo do candomblé Paolo di Lucca (Colunista social)
327	UM CAMINHO DIFERENTE: <i>Opirà</i> (Opira) Conversa com Mãe Justina Leonam Navarro
347	PARTE IV: A CHEGADA
355	CERRAÇÃO
359	GLOSSÁRIO